

## SEXUALIDADE E CORPO FEMININO NA LITERATURA MÉDICA DE PEDRO HISPANO (SÉCULO XIII)

Catarina Stacciarini Seraphin<sup>1</sup>

### RESUMO

Na Idade Média, o discurso acerca da sexualidade e do corpo feminino estava presente em escritos religiosos, filosóficos e médicos. O presente trabalho visa analisar a partir da obra médica *Thesaurus pauperum* (Tesouro dos pobres) e do comentário sobre o *Viaticum* (*Questiones super Viaticum*), atribuídos ao físico e religioso Pedro Hispano a representação da sexualidade e do corpo feminino. Nestes escritos médicos de Pedro Hispano é possível perceber uma discussão acerca do tema, assuntos como o aborto, a concepção, a esterilidade e o desejo erótico são abordados de maneira clara e inovadora. Nesta perspectiva, o presente estudo busca perceber como o corpo e a sexualidade das mulheres inserem-se na literatura médica medieval do século XIII.

Palavras - chave: Corpo, sexualidade, medicina medieval

### ABSTRACT

During the Middle Age the discourse concerning the feminine body and sexuality was present in religious, philosophical and medical writings. The present work aim to analyze through the medical work *Thesaurus pauperum* and the commentary on the *Viaticum* assigned by the physician Pedro Hispano the representation of the feminine body and sexuality. In this medical writings of Pedro Hispano it is possible to notice a discussion about the theme, subjects as abortion, conception, sterility and erotic desire were approached in a clear and innovated form. In this perspective, the present study seek to know how the body and the feminine sexuality are inserted in the medieval medical literature of the thirteenth century.

Key Words: Body, sexuality, medieval medicine

Nos textos medievais, encontram-se diversas tensões que constituem a dinâmica social, tais como aquelas entre Deus e o homem, entre o homem e a mulher, entre a cidade e o campo, entre a riqueza e a pobreza, entre a razão e a fé e entre o corpo e a alma. Na Idade Média, o corpo apresenta um lugar de paradoxo, pois, se de um lado, é condenado, desprezado, humilhado, considerado a abominável vestimenta da alma e reprimido pelo cristianismo, por outro lado, a partir do século XIII, a maior parte dos teólogos ressalta o seu valor positivo glorificando-o, sobretudo por meio do corpo de Cristo (Le Goff, 2006).

As tensões estão também presentes, nesse período, no que se refere à sexualidade, uma vez que esta era reprimida, condenada e controlada pelo cristianismo, existindo normas para a sua prática dentro do matrimônio, considerada importante para a reprodução e para a manutenção da saúde. Constantino, o Africano (1022-1087) na obra médica *Viaticum* receita

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Federal de Goiás, bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). cathystacciarini@hotmail.com

para os pacientes que sofrem de mal de amor, doença semelhante à melancolia, relações sexuais juntamente com vinho, banhos, conversações, música e poesia para distrair e reabilitar a saúde do doente. Além dessas tensões a sexualidade, no período medieval, está ainda inserida em uma concepção hierárquica criada pelos Pais da Igreja, de valores nos quais os *virgines* (virgens) ocupam o nível supremo, sendo um exemplo a serem seguidos, os *oratores* ligados à renúncia ou à continência possuíam maior autoridade sobre os *conjugati* (casais) (Rossiaud, 2002).

O tema do corpo e da sexualidade tanto masculina quanto feminina aparece na Idade Média em textos religiosos, médicos e filosóficos. A maioria dos escritos acerca destes temas foi feita por homens, principalmente eclesiásticos, escrevendo dessa maneira, em tese, com maior embasamento teórico do que prático. Além da observação anatômica do corpo humano ser proibida, a partir da reforma gregoriana do século XI intensificou-se a proibição das relações sexuais para os clérigos.

Por meio do estudo desses escritos é possível perceber a relação que os homens medievais estabeleciam com seu corpo e sua sexualidade e como a compreendiam. Esta presente comunicação procura focar principalmente na literatura médica medieval do século XIII para entender como era retratado o corpo e a sexualidade, sobretudo feminina.

A idéia de inferioridade feminina foi bastante estudada no que se refere ao período medieval, principalmente na literatura religiosa, mas também na literatura médica e filosófica. Estudiosos como Bullough (1973) defendem a tese de que não somente o cristianismo ou o preconceito dos clérigos medievais levou a uma misoginia (medieval e moderna), mas também as visões médicas e científicas do mundo antigo que foram incorporadas ao pensamento medieval. Aristóteles (século IV a.C) em sua obra *Historia animalium* afirma ter evidência científica de que as mulheres eram inferiores aos homens intelectualmente e moralmente. Argumenta que o macho de qualquer espécie é mais forte, mais ágil e maior que a fêmea, sendo este um sinal natural da inferioridade feminina. Destacava também a importância do macho na reprodução, admitindo que as mulheres possuíam um papel passivo, fornecendo o material para a formação da criança e, além disso, considera as mulheres como um macho incompleto e invertido. Dessa maneira, percebe-se em Aristóteles uma explicação fisiológica para a inferioridade feminina.

A idéia dessa inferioridade feminina é ainda sustentada Alberto Magno (? 1193-1280) que adotava a noção aristotélica do sêmen masculino, acreditando que o sêmen feminino só poderia ser considerado desta maneira por um equívoco. Em seu tratado médico *De animalibus libri XXVI* apresenta a idéia de que os homens são mais fortes do que as mulheres,

e que se o sêmen masculino fosse forte e bem “digerido” originaria um filho homem e se fosse fraco e “digerido” de maneira pobre originaria uma mulher. Desse modo, o sexo da criança era determinado durante a concepção.

Apesar de Hipócrates (460-377 a.C), no trabalho *Generation* defender a idéia de duas sementes (masculina e feminina) que auxiliam na reprodução, em geral a noção aristotélica era mais aceita e difundida no período medieval. Já a sua teoria dos quatro humores (quente, frio, úmido e seco) influenciou profundamente a medicina medieval. Segundo Hipócrates as mulheres são úmidas e frias e os homens são quentes e secos (Bullough, 1973).

Na mesma perspectiva de Hipócrates, Galeno (século II d.C) em sua obra *De usu partium corporis humani* afirma que as mulheres são menos perfeitas que os homens, por uma razão principal, pois são mais frias. Argumenta que entre os animais o quente é mais ativo, sendo assim os animais frios seriam menos perfeitos. Na humanidade, segundo Galeno, os homens são mais perfeitos que as mulheres, e a razão para esta perfeição está no fato de que são mais quentes.

A medicina medieval enfatizava também a necessidade de manter as mulheres sobre controle. As autoridades médicas acreditavam na possibilidade de uma mudança somática de sexo. Se os homens deixassem as mulheres se aproximarem de uma igualdade, elas poderiam sofrer uma mudança somática e dessa maneira, sentir-se-iam aptas a desafiar os homens pelo controle (Bullough, 1973).

Apesar de ser possível observar nas obras médicas clássicas e medievais uma diminuição das mulheres em relação aos homens esta não é uma visão predominante. No que se refere à sexualidade, ao corpo e às doenças femininas, os físicos<sup>2</sup> medievais apresentavam-se preocupados com assuntos como a virgindade, a diversidade sexual, à fidelidade no matrimônio, à esterilidade, ao coito e ao orgasmo (Lemay, 1982).

A virgindade era um aspecto que possuía um significado social muito importante no período medieval. Segundo o *De secretis mulierum*, geralmente atribuído a Alberto Magno, quando um homem se aproxima de uma mulher ele consegue dizer se foi o primeiro a manter relações sexuais com esta, pelo tamanho da abertura de sua vagina; se a vagina for apertada e difícil de penetrar ele pode estar seguro de que a mulher é virgem. Outra maneira de identificar a virgindade apresentada na obra é por meio da urina, se esta for clara e tiver espumas brancas a mulher é virgem, se for clara, mas dourada a mulher é ainda pura, mas não

---

<sup>2</sup> Os médicos eram denominados físicos, pois na Idade Média os *physici* eram considerados especialistas da natureza, dominando a interação entre homem e natureza.

será por bastante tempo, uma vez que a cor dourada indica calor em seu corpo e este calor está relacionado a um intenso desejo por sexo.

O físico do século XIII Guilherme de Saliceto em sua obra *Summa conservationis et curationis* afirmava que o simples fato da mulher sangrar durante a relação sexual não prova que esta era virgem, uma vez que ela poderia estar menstruada. O físico indica uma receita em seu trabalho, isto é, uma maneira de fazer com que as mulheres pareçam virgens. Elas devem lavar a boca da vagina, sentar-se em banho quente e esfregar suas partes íntimas com determinados óleos e introduzir na vagina um intestino de pomba cheio de sangue. Dessa maneira, as mulheres parecerão virgens. Pode-se perceber uma simpatia do médico com as mulheres que eram acusadas de serem corruptas (não virgens) (Lemay, 1982).

A diversidade sexual segundo os físicos medievais era causada por causas naturais, dessa maneira a dieta era extremamente importante para determinar o comportamento sexual humano. Arnaldo de Villanova (1242-1311) relatou em sua obra *Liber de coitu* que ovos crus e queijo doce estimulam o desejo e que a terapia para disfunções sexuais geralmente começam com uma dieta corretiva.

Em relação ao coito, *De secretis mulierum* aconselhava que o casal deveria se certificar de que a comida havia sido digerida antes de iniciarem o ato sexual, e aconselhava também os homens a conversarem de maneira leve com as mulheres, isso ajudaria na hora do coito. Os tratados médicos afirmavam que uma vez escolhido o parceiro sexual a iniciativa deveria ser do homem. Arnaldo de Villanova na obra *De regimine sanitatis* composto antes de 1311, afirmava que os homens deveriam ter a iniciativa, pois as mulheres são modestas.

O orgasmo era estudado separadamente do coito em textos científicos medievais. Os filósofos naturalistas acreditavam que as mulheres tinham dois orgasmos, o primeiro quando sua semente é lançada e o segundo quando recebe a semente masculina. Avicena no *Canon* de medicina acreditava que a mulher tinha três orgasmos, os dois primeiros iguais acreditavam os filósofos e o terceiro decorrente do movimento feito durante o até a relação sexual.

Nessa perspectiva, percebe-se que na Idade Média a sexualidade era tanto um assunto médico como moral. A natureza da sexualidade, as circunstâncias apropriadas para as relações sexuais, a relação entre coito e reprodução, as práticas de contracepção e aborto e as implicações da virgindade eram de domínio dos médicos, dos filósofos naturalistas, dos moralistas e dos teólogos. A discussão franca sobre a sexualidade humana não é uma invenção moderna, várias facetas da reprodução e do comportamento sexual humano eram tratadas por naturalistas e médicos da antiguidade (Cadden, 1993).

Muitos casais recorriam a uma variedade de métodos médicos e mágicos para fomentar as concepções. Existiam poções para excitar ou enfraquecer as paixões, propiciar a gravidez, impedir o aborto, determinar o sexo da criança. Havia por toda a Europa a manutenção de ritos de fertilidade pagãos tradicionais (McLaren, 1997). Muitos casais buscavam ainda formas de limitar os nascimentos por meio de práticas contraceptivas. As mulheres na tentativa de controlar a natalidade recorriam às parteiras, feiticeiras e prostitutas que eram consideradas entendidas dessas práticas. Entretanto, muitas mulheres ao recorrerem a métodos contraceptivos eram acusadas de proteger a beleza e a reputação por meio de conhecimentos secretos.

A idéia de que se existia um dialogo franco acerca da sexualidade humana no período medieval é defendida por alguns historiadores, na medida em que esta argumenta que alguns manuscritos médicos discutiam problemas ginecológicos e obstétricos e receitavam remédios para as disfunções sexuais, porém estes tratados eram limitados, sendo geralmente versões de textos clássicos. Constantino, o Africano em sua obra *De Coitu* discute de maneira natural sobre as causas e conseqüências do comportamento sexual, sendo seus julgamentos baseados na teoria médica. Nesta obra, Constantino afirma que o coito juntamente com exercícios, banhos, comidas, bebidas e descanso é um dos processos para se manter saudável e assim como para beber e dormir, para o coito também existe o período apropriado e a circunstância certa. Dessa maneira Constantino trabalha com a idéia de equilíbrio, sendo a base de sua indicação fisiológica e não moral ou religiosa (Cadden, 1993).

A obra de Constantino é por isso considerada uma das mais importantes fontes de conhecimento médico para autores latinos nos séculos XII e XIII, podendo ser considerada um marco na discussão da sexualidade medieval (Cadden, 1993). Outro grande influenciador da medicina latina é Avicena (980-1037). A tradução de sua obra o *Canon* de medicina para o latim por Geraldo de Cremona (1114-1187) no século XII contribuiu para a expansão do conhecimento acerca da sexualidade no período medieval, pois seu trabalho aumentou significativamente a quantidade de informações sobre a reprodução e suas disfunções. Nesta obra Avicena declara que não é indecente para os médicos discutirem o aumento do pênis, o estreitamento da vagina ou o prazer feminino.

Dessa forma, Avicena trata em sua obra as condições saudáveis e não saudáveis para o coito, as causas e as curas para a diminuição do prazer das mulheres e como esse prazer feminino pode auxiliar na cura da esterilidade, as maneiras de induzir o aborto, no caso em que se teme pela vida da mãe e ainda trata de práticas contraceptivas. Outras obras médicas

árabes e gregas traduzidas para o latim nos séculos XII e XIII também auxiliaram na abertura do discurso médico sobre a sexualidade.

Simultaneamente ao crescimento do debate acerca da sexualidade humana, crescia também a posição da Igreja sobre a impropriedade de algumas práticas médicas e sexuais. O direito canônico, que se desenvolveu rapidamente no século XII e que era baseado nas visões patrísticas do prazer e da conduta sexual condenava o prazer, a contracepção, o aborto e qualquer comportamento sexual considerado como não natural.

Durante o período medieval, alguns tópicos relacionados às práticas sexuais estavam submetidos aos dogmas da Igreja, principalmente aqueles relacionados à sexualidade dos casais. A Igreja instruía o casal da melhor maneira de realizar os atos sexuais. Estes deveriam seguir regras e ritos, na tentativa de moderar a luxúria. As relações deveriam ser noturnas, sendo necessário evitar a nudez. O excesso de carne e vinho poderia levar ao desejo carnal e o casal deveria dominar o corpo e reduzir o número de relações.

As mulheres deveriam deixar a iniciativa para os homens. O casal deveria limitar-se às posições comuns, pois as incomuns eram consideradas perigosas e poderiam gerar concepções monstruosas. O casal deveria ainda respeitar os períodos de abstinências impostos pela Igreja. Esses períodos eram maneiras naturais de controlar a natalidade (Rossiaud, 2002).

A tentativa da Igreja em normatizar a sexualidade no interior do casamento, por intermédio da teologia do matrimônio, representa uma tentativa de controle, que na realidade não se efetivava. Apesar dos dogmas da Igreja e da moral cristã, muitos trabalhos sobre a sexualidade humana foram desenvolvidos, tendo como principal influência as autoridades clássicas e islâmicas que encorajaram a incorporação de assuntos controversos como o aborto, a contracepção e o prazer sexual. Nessa perspectiva, a imposição da Igreja não fez com que os físicos medievais deixassem de discutir o comportamento sexual humano (Cadden, 1993).

Apesar de algumas obras médicas antigas e medievais apresentarem justificativas fisiológicas, anatômicas e principalmente sexuais a inferioridade das mulheres, existia nestes mesmos tratados uma preocupação em discutir a sexualidade humana (feminina e masculina), uma preocupação acima de tudo médica com a saúde das mulheres. Nessa perspectiva, pode-se acreditar que as obras médicas antigas e medievais contribuíram para uma expansão do estudo e da compreensão da sexualidade humana na Idade Média.

A expansão deste estudo é perceptível quando se analisa as obras e os comentários médicos do físico português Pedro Hispano (1205-1277), que além de um dos mais importantes físicos do século XIII, foi também filósofo, mestre universitário e eclesiástico, tornando-se papa João XXI em 1276.

O *Thesaurus pauperum* (*Tesouro dos pobres*), uma de suas mais importantes obras, que influenciou outros trabalhos médicos do período, foi provavelmente composto na Itália por volta de 1250. O trabalho é uma compilação de receitas, incluindo medicina popular com recursos mágicos e astrológicos, que poderia ser utilizado por médicos humildes.

Entre as receitas presentes no *Thesaurus pauperum*, algumas são dedicadas a assuntos referentes à sexualidade humana. É possível encontrar na obra uma preocupação com o prazer (tanto masculino quanto feminino) que era segundo os médicos, importante para a concepção. No capítulo XXXVII denominado *Ad coitum excitandum* (*Para excitar ao coito*) Pedro Hispano oferece receitas para resolver problemas relacionados à falta de desejo sexual. Ele declara que “tritarem-se bagas de loureiro e prepare-se uma confecção das mesmas com suco de satirião: untem-se com isso os rins e as partes genitais; excita poderosamente o coito” (Pedro Hispano, *Thesaurus pauperum*, p. 234).

O físico ensina ainda em sua obra como inibir o desejo erótico. No capítulo XXXVIII *De suffocatione libidinis* (*Sufocação do desejo erótico*) Pedro Hispano receita a utilização de ervas para evitar a ereção e o coito.

*(...) tomar com frequência nenúfar diminui a corrupção e destrói o desejo do coito, quando se bebe uma onça dele com xarope de papoilas; congela o sêmen, com a propriedade que existe nele e na sua raiz (Pedro Hispano, Thesaurus pauperum, p. 242).*

Pedro Hispano apresenta no *Thesaurus pauperum* uma preocupação também com a contracepção. No capítulo XLIV *De impedimento conceptus* (*Impedimento da concepção*) ele declara que:

*quando a mulher não quiser conceber, talvez por que tema morrer ou por qualquer outra razão, coma osso de coração de veado, e não conceberá. (...) Avicena. Beber ferrugem não deixa a mulher conceber (Pedro Hispano, Thesaurus pauperum, p. 258 e 260)*

Nesta obra é possível perceber a incorporação de assuntos controversos, como a contracepção trabalhada por Avicena e sendo ainda evidente a influência que este e outros autores árabes, gregos e romanos exerceram na obra.

Outro importante escrito médico de Pedro Hispano relacionado ao tema da sexualidade medieval é o seu comentário sobre o *Viaticum* (*Questiones super Viaticum*), escrito durante o período no qual Pedro Hispano ensinou medicina em Siena (1246-1250). Originalmente o *Viaticum*, (no árabe *Zād al-musāfir*) escrito por Ibn al Jazzār, consistia em anotações para viajantes que não possuíam acesso a tratamento médico. Traduzido por Constantino, o

Africano, no século XII, do árabe para o latim esta obra foi bastante difundida por toda a Europa ocidental, fazendo parte do currículo da maioria das universidades (Wack, 1990).

Neste comentário, Pedro Hispano discute a sexualidade ao analisar o prazer sexual e questionar acerca da intensidade sexual sentida por homens e mulheres. Dessa maneira, Pedro Hispano colaborou profundamente com o desenvolvimento de estudos sobre sexualidade. Ele declara que o homem tem um prazer mais intenso nas relações sexuais, por que são mais quentes. Apesar, da maior intensidade do prazer masculino, as mulheres têm prazer duplo, uma vez que estas sentem prazer quando liberam seu esperma e quando recebem o esperma masculino, mas o prazer feminino não tem, segundo o físico, a mesma qualidade do prazer masculino.

*É questionado em qual sexo o prazer no coito é mais intenso e parece ser no sexo masculino, por esta razão: o membro masculino é mais sensível. (...) Assim, o prazer é mais intenso nos homens. (...) Mas o prazer da mulher é duplo (quando emite e quando recebe), entretanto não é da mesma qualidade (Pedro Hispano, *Questiones super Viaticum*, p. 247).*

A influência de Hipócrates na concepção de duas sementes, tanto a masculina quanto feminina está presente neste trecho do comentário médico sobre o *Viaticum* de Pedro Hispano e percebe-se também uma diminuição do prazer feminino perante o prazer masculino, que segundo o físico seria mais intenso.

Outra questão proposta por Pedro Hispano em seu comentário é sobre que sexo deseja o coito mais intensamente. Ele argumenta que o desejo por relações sexuais é maior nas mulheres, considerando que elas têm duplo prazer no coito e que sentem amor mais intensamente do que os homens. Dessa maneira, desejando o mais que os homens.

A partir dessa breve análise da sexualidade medieval nestes escritos médicos de Pedro Hispano é possível perceber uma forte influência de concepções e noções médicas de sexualidade humana gregas, romanas e árabes que foram incorporados ao seu trabalho. Assim, esses tratados médicos antigos e árabes contribuíram de forma substancial para um diálogo mais franco acerca da sexualidade na Idade Média, mesmo que seja possível também perceber na literatura médica da época uma diminuição das mulheres e de sua sexualidade em relação aos homens. Apesar de sustentarem a inferioridade feminina como argumenta Bullough, os físicos e os filósofos não eram indiferentes em relação a estas, sendo possível afirmar que havia então nesse período uma preocupação com a sexualidade feminina e principalmente havia um compromisso médico com a saúde das mulheres.



### **Fontes Impressas**

PEDRO HISPANO. *Questiones super Viaticum*. In: WACK, Mary Frances. *Lovesickness in the Middle Ages: the Viaticum and its commentaries*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1990, p. 212-251.

\_\_\_\_\_, *Thesaurus pauperum*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

### **Referências Bibliográficas**

BULLOUGH, Vern L. Medieval Medical and Scientific Views of Women. In: *Viator: Medieval and Renaissance Studies*. 4, 1973. P. 485-501.

CADDEN, Joan. Medieval Scientific and Medical Views of Sexuality: Questions of Propriety. In: Lomperis, Linda e Stanbury, Sarah. *Feminist Approaches to the Body in Medieval Literature*. University of Pennsylvania Press, 1993. p. 157-171.

LE GOFF, Jacques. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMAY, Helen Rodnite. Human Sexuality in Twelfth –through Fifteenth– Century Scientific Writings. In: Brundage, James e Bullough, Vern L. *Sexual Practices & the Medieval Church*. New York: Prometheus Books, 1982, p. 187-205.

McLAREN, A. *História da Contraceção: Da Antigüidade a Atualidade*. Lisboa: Terramar, 1997.

ROSSIAUD, J. Sexualidade. In: Le Goff, J. e Schmitt, Jean-Claude (orgs.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. vol.II. p. 477-492.

WACK, Mary Frances. *Lovesickness in the Middle Ages: the Viaticum and its commentaries*. University of Pennsylvania Press, 1990.